



# A glotalização das fricativas anteriores na fala dos ribeirinhos no povoado Mocambinho em Buriti-MA

Aleide Josse Rodrigues Ataide Costa<sup>1</sup>  
Cid Ivan Costa Carvalho<sup>2</sup>

---

## RESUMO:

Os fonemas /v/, /z/, /ʒ/ e /s/, quando são realizados em palavras e expressões como: 'a gente', 'mais', 'vamos', 'mesmo', 'mais não', geralmente, são articulados como sons glotais em muitos estados nordestinos. Observamos que os ribeirinhos apresentam a glotalização das fricativas posteriores, pois há uma troca da alveopalatal [ʒ], e de outros fonemas supramencionados como veremos na seção da análise nos seguintes contextos: inicial e final de sílabas, assim como nas fricativas [s], [z] em final, já na labiodental vozeada [v] a ocorrência se dá no início da sílaba. Neste texto, o objetivo principal é apresentar uma análise da glotalização nas consoantes fricativas do Português no povoado Mocambinho, em Buriti-Maranhão. Para tal, fizemos um estudo bibliográfico na área da Sociolinguística com base em Labov (2008 [1972]), Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]), Guy e Zilles (2007) e na Fonética e fonológica do Português brasileiro com Silva (2007), Seara, Nunes e Volcão (2022). Depois da coleta de dados, fez-se a transcrição e, posteriormente, a análise de forma qualitativa e acústica, por meio do Praat (BOERSMA, WEENIK, 2018), das ocorrências do fenômeno na fala dos ribeirinhos. Optamos por esse tipo de análise, em vista de, inicialmente, observarmos nas variáveis os motivos e as circunstâncias que o fenômeno emerge. Realizaremos uma análise de dados do tipo quantitativa, futuramente. Nos resultados obtidos na amostra da fala, as fricativas /v/, /z/, /ʒ/ e /s/ realizam-se foneticamente de forma vozeadas e desvozeadas em alguns contextos situacionais, um fenômeno variável e influenciado por fatores linguísticos e extralinguísticos.

---

## PALAVRAS-CHAVE:

Ribeirinhos;  
Glotalização;  
Comunidade;

---

<sup>1</sup> Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem (PPCL) pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Graduada em Letras pela Universidade CEUMA no Estado do Maranhão. Especialista em Metodologias Inovadoras ao Ensino de Língua Portuguesa pelo IESF/MA. Bolsista da FAPEMA-Fundação de Amparo e Pesquisas do Estado do Maranhão e professora da Educação Básica do município de Buriti-MA. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5141-2254> E-mail: aleidejosse2@gmail.com.

<sup>2</sup> Doutor em Linguística pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Mestre em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Atualmente, é professor e pesquisador da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA); é professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem (PPCL), na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Além disso, coordena o Grupo de Pesquisa em Linguística Computacional (GELC), no qual pesquisa e desenvolve tecnologias da linguagem para o Português Brasileiro. ORCID <https://orcid.org/0000-0001-9358-7792> E-mail: cidcarvalho@uern.br.

## 1 Introdução

Os pesquisadores Bright (1966) e Fishman (1972) iniciaram os estudos sociolinguísticos e passaram a descrever os fatores linguísticos a partir de fatos sociais. Com isso, tem-se o início da área da Sociolinguística que se desdobra em assuntos relacionados aos aspectos linguísticos e às variações das línguas, descrevendo a linguagem, também, sob os aspectos sociais, linguísticos e identitários de um povo.

Prosseguindo pelos caminhos abertos a partir dos estudos de Bright (1966), Labov (1972) passa a investigar o efeito de fatores sociais na heterogeneidade linguística no inglês padrão e não-padrão, pois, para ele, todo fato linguístico relaciona-se a um fato social e a língua sofre implicações de ordem fisiológica e psicológica.

Nesse sentido, as línguas, de uma forma geral, apresentam aspectos que evidenciam os traços culturais, étnicos, religiosos, sociais e, conseqüentemente, linguísticos. Além de revelarem que a variação linguística marca o caráter diatópico (regional) e o caráter diastrático (variações de classes sociais) na fala dos indivíduos.

No Português brasileiro, há diversas variedades na fala, a exemplo do que ocorre no estado do Ceará, na fala popular, em que “os verbos chega/v/a, de/v/ia, são realizados de forma plena, mas nos seguintes verbos: pensa/h/a e le/h/ando notamos que a articulação do fonema /v/ ocorre de modo enfraquecido” (ARAÚJO; RODRIGUES; PEREIRA, 2018). Esse fenômeno é abordado com frequência nas pesquisas realizadas pelos autores citados, assim como em outros estados, o que será apresentado na seção da revisão, quando alguns falantes em situações espontâneas, dependendo da localização das regiões e dos fatores sociais, podem ser influenciados para possíveis mudanças linguísticas, bem como, caracterizam as diferentes formas de uso linguístico.

Em vista disso, Faraco e Zilles (2017) enfatizam os impactos culturais, sociais, linguísticos quando se referem ao contato entre línguas e o Português, a realidade multilíngue (incluindo línguas indígenas, afro-brasileiras, de imigração, de sinais etc.), o impacto gerado dessas línguas e a relevância do Português para as variedades linguísticas existentes hoje. Os pesquisadores destacam que é “indispensável o reconhecimento das múltiplas etnias e culturas que para cá vieram e que exercem assim um papel na diferenciação cultural e linguística das comunidades de fala” (FARACO; ZILLES, 2017, p. 185).

Nesse ínterim, considerando esses impactos, a fala dos ribeirinhos buritienses é um “celeiro” de aspectos linguísticos, uma vez que ela marca a identidade dos falares dessa comunidade. Os partícipes dessa comunidade de fala estão situados ao leste maranhense, localidade de significativa riqueza cultural e linguística, dado que, em

contexto de realizações de algumas fricativas vozeadas<sup>3</sup>, ocorre o fenômeno da glotalização<sup>4</sup>.

Nesse contexto, expressões como “a gente”, “já fiz” e “vamos” são pronunciadas pelos falantes como [a.fhẽ.tʃ],[ha.fis]e[‘fhã.mus]. Esse fenômeno está muito presente na fala dos nordestinos conforme várias pesquisas já realizadas nos estados da Bahia (PELICIOLI,2008), Ceará (RONCARATI; UCHOA, 2014; ARAÚJO; RODRIGUES; PEREIRA, 2018) e Alagoas (OLIVEIRA; SANTOS, 2020; OLIVEIRA; BARBOSA, 2021), contudo, ainda não tem nenhuma pesquisa no Maranhão sobre o fenômeno em foco e tampouco voltada para a comunidade dos ribeirinhos<sup>5</sup>.

Sendo assim, parte-se da ideia de que a descrição das formas linguísticas, na fala dessa comunidade, gera produtos importantes para pesquisas posteriores, como a construção de banco de dados linguísticos, a partir da entrevista sociolinguística realizada. Outro ponto é a pressuposição de que os fenômenos linguísticos são condicionados por fatores sociais como sexo, escolaridade, localidade e idade. Embora nesse estudo tenha sido considerada esta estratificação para a coleta, não faremos uma análise de cada um desses grupos.

Dessa maneira, as características na fala marcam os fatores sociais dos falantes. Logo, percebe-se que a comunidade de fala do município de Buriti possui traços na fala dos ribeirinhos que merecem um aprofundamento teórico e uma análise qualitativa para as realizações nas pronúncias de determinados vocábulos, com preterição de, futuramente, realizar uma análise do tipo quantitativa.

Porquanto, este trabalho apresenta uma análise do fenômeno supracitado sob a perspectiva da Sociolinguística Variacionista, o qual abordará o fenômeno da glotalização na comunidade de fala supracitada. Dessa forma, amplia os conhecimentos acerca da realização desse fenômeno e contribui para compreendermos melhor as ocorrências da variedade linguística, tais como a padrão, os dialetos, os registros, estilos ou outras formas de linguagem no âmbito da língua portuguesa falada no Brasil.

Para tal, norteamos-nos pela seguinte indagação: os fatores linguísticos e extralinguísticos influenciam na realização da glotalização, na fala dos ribeirinhos buritienses? Especificamente, interessa-nos investigar a variação linguística existente nos sons fricativos que são pronunciados como fricativa glotal, ora vozeada e em

---

<sup>3</sup> Modo ou maneira de articulação das consoantes produzidas com o estreitamento da passagem de ar pelos articuladores, provocando fricção. Na produção das fricativas, a passagem da corrente de ar é obstruída parcialmente (SILVA, 2022, p. 123).

<sup>4</sup> Esse fenômeno será conceituado na fundamentação teórica, mas no contexto dos estudos variacionistas acerca do comportamento variável de fricativas, os termos *glotalização*, *aspiração*, *reificação*, *lenição* e *enfraquecimento* são usados como sinônimos.

<sup>5</sup> Ribeirinho é um habitante tradicional das margens dos rios, que vive com as condições oferecidas pela própria natureza, adaptando-se aos períodos das chuvas, que têm em sua cultura, a pesca artesanal como principal atividade de sobrevivência, mas também podem praticar cultivo de pequenos roçados, extrativismo vegetal e, mais recentemente, o ecoturismo Fonte: Wikipédia.

outros contextos desvozeados.

O aporte teórico surge de dois pilares importantes. Primeiramente, empreendemos o estudo bibliográfico que se assentou teoricamente com os pioneiros na área da Sociolinguística, a exemplo de Willian Labov (2008 [1972]) e Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]), além das pesquisas de Guy e Zilles (2007); Ramos *et al.* (2009); Freitag (2014; 2017) e, Coelho *et al.* (2021). Em seguida, no que concerne aos aspectos fonéticos fonológicos, embasamo-nos nos estudos de Bisol (2005); Reinecke (2006), Maia (2006), Cristófaró Silva (2006; 2007); Hora (2009); Seara Nunes e Lazzarotto-Volcão (2011; 2022) e outras referências que surgirão no decorrer desta pesquisa.

Para construção do *corpus* desta pesquisa, realizamos a coleta das falas na comunidade de Mocambinho, situada no município de Buriti - Maranhão, por meio de entrevistas sociolinguísticas. Esse contato possibilitou a compreensão dos principais fatores linguísticos presentes nas pronúncias de determinadas palavras, sendo indispensável para conhecermos os informantes, a escolaridade e outras variáveis que possam influenciar em sua forma de uso linguístico.

Côncios deste contexto, as entrevistas no povoado foram realizadas tendo em vista o controle das variáveis apresentadas em suas respectivas falas e que são consideradas de uso mais frequente pelos moradores da comunidade, com o objetivo de que somente participassem os ribeirinhos, ou filhos destes que não viajaram para outro lugar até os 17 anos, visto que nessa faixa etária adquirem o vernáculo.

Por conseguinte, organizamos este estudo em quatro seções, a saber: a primeira, constitui-se da revisão da literatura, na qual abordamos as pesquisas publicadas acerca de alguns conceitos da Fonética e da Fonologia e da Sociolinguística. Na segunda seção, mobilizamos alguns estudos sobre os fenômenos linguísticos tais como a classe dos sons róticos, das fricativas anteriores e posteriores. Na sequência, na terceira seção, apresentamos os métodos, *corpus* e os procedimentos presentes na metodologia da pesquisa. Por sua vez, na quarta seção, mostramos alguns resultados inconclusos na descrição de uma análise parcial dos dados. E, por fim, traçamos algumas considerações finais.

## 2 Contexto Sociolinguístico

Cezario e Votre (2017) afirmam que o surgimento do termo Sociolinguística ocorreu pela primeira vez na década de 1950, todavia, somente depois desenvolveu-se como uma corrente nos Estados Unidos, na década de 1960. Essa área da linguística considera a língua como uma forma de comportamento social a qual “[...] é usada por seres humanos num contexto social, comunicando suas necessidades, ideias e emoções uns aos outros” (LABOV, 2008, p. 215). Assim, essa área preocupa-se em

descrever a variabilidade linguística, a sua relação com os fatores sociais e o papel dessa variabilidade no processo de mudança linguística.

Ao discorrer sobre o aspecto da mudança linguística, Paiva (2016) destaca que “[...] as línguas humanas são sistemas dinâmicos, mutáveis e flexíveis que, ao longo do tempo, se acomodam tanto às mudanças socioculturais das comunidades de fala como às necessidades comunicativas de seus usuários” (PAIVA, 2016, p. 23). Em decorrência disso, destaca a autora, esse estado dinâmico das línguas fica evidenciado quando comparamos as alterações nos níveis fonológicos, morfológicos, lexicais e/ou sintáticos de uma língua, em diferentes períodos da sua história. Por meio desses aspectos, conseguimos perceber que algumas formas linguísticas desaparecem, outras nascem, ou formas já existentes se modificam assumindo novos significados e/ou novas funções.

Dessa forma, essa dinamicidade é perceptível quando averiguamos a dimensão social que é considerada de vital importância nas mudanças linguísticas, uma vez que se parte do pressuposto de que as línguas se organizam primariamente para cumprir uma função comunicativa e social. Nessa conformidade, a teoria da variação linguística propõe sistematizar o universo aparentemente caótico da heterogeneidade da língua falada, conforme menciona Jesus (2015).

Daí a importância da descrição dos fatores sociais e linguísticos vinculados sob uma perspectiva de mudança linguística, posto que esses aspectos são os condicionadores que regulam a escolha do falante entre uma ou outra variante linguística, uma vez que “os primeiros são os fatores externos e o segundo são os fatores internos à língua. Eles exercerem pressão sobre o uso da língua que falamos e da maneira com que as pessoas percebem e avaliam a língua” (COELHO *et al.*, 2021, p. 13).

No que concerne especificamente à variação linguística, Rodrigues (2020) destaca que a Sociolinguística considera os dados da fala de indivíduos em situações comunicativas reais e tais dados são coletados, geralmente, por meio de entrevistas sociolinguísticas, de modo tal, que “essas entrevistas buscam coletar a língua falada no cotidiano do indivíduo, a fim de captar, com a máxima aproximação, o vernáculo de um determinado grupo social” (RODRIGUES, 2020, p. 81). Em tempo, a autora expõe, em suas análises, o enfraquecimento da fricativa posterior, principalmente, nos informantes de faixa etária mais avançada e com menor escolaridade, e constata indícios de uma mudança em progresso, apontando para o uso apenas da manutenção.

Ainda nesse sentido, Rodrigues (2018) aponta que os resultados sobre a aspiração do fonema /v/, que se constitui um fenômeno variável, e esse fonema ora se realiza como fricativa labiodental vozeada [v], ora como fricativa glotal desvozeada [h], ilustrado na palavra [v]ai e [h]ai, respectivamente. Assim, nos termos da pesquisadora, temos que:

Ao analisarmos esse fenômeno, verificamos que, entre variáveis intra e extralinguísticas, as que mais influenciaram o uso da variante aspirada foram: frequência de uso (termos extremamente usuais), contexto fonológico subsequente (as vogais [õ], [ɐ], [a] e [ɛ]), tonicidade (as sílabas postônicas), dimensão do vocábulo (monossílabos e dissílabos), contexto fonológico precedente (as vogais [a], [ɐ], [ũ], [u], [ɛ] e [e], a semivogal [j] e a pausa), classes de palavras (verbos e a locução interjetiva “A[h]e Maria!”), status morfológico do segmento (morfema gramatical), grupo fônico (palavras com /ava/), faixa etária (a mais avançada, com 50 anos ou mais) e escolaridade (com 0 a 4 anos de escolarização) (RODRIGUES, 2018, p. 25).

Assim, por um lado, procuramos as pesquisas que tratavam da variação fonética dos róticos portugueses e, por outro lado, àquelas que tratam dos aspectos fonéticos e fonológicos, que também são necessárias de explicitá-las. A Sociolinguística norteia o estudo da língua considerando a relação social e linguística, portanto, nesse sentido, ela dialoga com as teorias mencionadas acima. À continuidade, na próxima seção, será exposta uma breve revisão bibliográfica das fricativas e suas variantes.

### 2.1 As variações das fricativas no Português brasileiro

Dentre as publicações no âmbito dos estudos linguísticos, efetivamos um recorte temporal dos últimos 20 anos no qual percebemos que poucas pesquisas sobre as fricativas posteriores foram efetivadas. Especificamente, nas palavras em que as ocorrências das pronúncias das fricativas alveopalatal vozeada [ʒ], labiodental vozeada [v], alveolar vozeada [z] e alveolar desvozeada [s] são realizadas como uma fricativa glotal. Acrescenta-se a esse aspecto o fato de que as pesquisas da expressão ‘a gente’, em que ocorre a glotalização do [ʒ], destacam-se em relação aos demais fenômenos, já que é a forma usual preferida por várias pessoas, especialmente, em alguns estados do nordeste, nos quais a forma pronunciada é ‘a gente’ ao invés do pronome nós (VITÓRIO, 2017).

Ao descrever a fricativa anterior alveopalatal vozeada<sup>6</sup> [ʒ], Silva (2007) explica que se dá uma espécie de estreitamento da passagem do ar - a língua - na parte entre os alvéolos e o palato. Já na produção da fricativa glotal vozeada [ɦ], ocorre a obstrução parcial com fricção audível no trato vocal em que o estado da glote se encontra aberta. Ressaltamos que Lindau (1985 *apud* COTOVITCZ, 2015) enfatiza que a passagem do ponto de articulação, de anterior para posterior, de vibrante para fricativa, ocorre em várias línguas, o que se configura como uma tendência universal observada em muitas línguas.

Ademais, Silva (2007) afirma que “falantes de qualquer língua fazem reflexões sobre o uso e a forma da linguagem que utilizam” (SILVA, 2007, p. 38). Esses falantes

<sup>6</sup> Som produzido com a vibração das pregas vocais. Os sons vozeados no português, em geral, têm um correspondente não vozeado (Silva, 2022).

são capazes de fazer observações quanto ao sotaque e às palavras diferentes utilizadas por outro falante. Nesse cenário, somos capazes de distinguir a fala até mesmo dos estrangeiros. Em tempo, para contextualizar o fenômeno das fricativas anteriores, a autora apresenta as consoantes [z] e [s], em que a primeira é vozeada e a segunda é desvozeada; ambas são alveolares podendo ocorrer em início de sílaba, no Português brasileiro, com articulação alveolar ou dental. No entanto, a consoante [v] é uma fricativa labiodental vozeada, em que o articulador ativo é o lábio inferior e como articulador passivo temos os dentes incisivos superiores.

Após delimitarmos o recorte teórico, encontramos dois estudos sobre a posteriorização das fricativas anteriores vozeadas [v], [z] e [ʒ], sendo pronunciadas por uma fricativa glotal vozeada [ɦ], na fala de Alagoas, a saber, um artigo publicado por Oliveira e Santos (2020) e outro por Oliveira e Barbosa (2021), nos quais os autores ressaltam que há influência da nasalização na posteriorização de fricativas vozeadas no referido Estado.

Em Oliveira e Santos (2020), as pesquisadoras destacam que, por ser um estudo inicial, os resultados, ainda incipientes, mostram que a nasalização influencia na posteriorização, havendo tendência maior desse fenômeno ocorrer em pessoas do sexo masculino, nascidas e criadas na zona rural. As autoras analisaram a posteriorização, também chamada de lenição ou glotalização, isto é, um fenômeno que marca a troca das fricativas labiodental [v], alveolar [z] e a alveopalatal [ʒ] pela fricativa glotal [ɦ].

Já Oliveira e Barbosa (2021) observaram que, além da ocorrência do fenômeno de posteriorização, quando acompanhado de segmentos nasais, tanto em ambientes internos aos vocábulos quanto em ambiente sintático-fonológicos, os tipos de sílabas, a distância acentual e os segmentos vocálicos e consonantais não exercem essa mesma influência. Essas informações foram muito importantes para compreendermos melhor a pesquisa iniciada nos contextos situacionais dos informantes do Maranhão, os quais apresentam algumas peculiaridades semelhantes a esse contexto.

Nessa mesma perspectiva, um outro trabalho acerca da temática foi desenvolvido por Rodrigues (2013), na cidade de Fortaleza - CE. No caso, a labiodental vozeada [v] que é a consoante anterior em que mais ocorre o enfraquecimento na fala dos cearenses, pois no português popular falado na cidade de Fortaleza, a realização da fricativa /v/ constitui-se um fenômeno variável, de maneira que, “para ilustração segue algumas formas linguísticas, colhidas dos dados da referida pesquisa: eu [v]ou ~ eu [ɦ]ô. Assim, observamos que: /v/ se realiza como [v] (manutenção) e como [h, ɦ] (reificação)” (RODRIGUES, 2013, p. 19).

Melo e Gomes (2017), em uma pesquisa sobre o papel do item lexical e da estrutura social na direcionalidade da mudança sonora, abordam a troca das fricativas alveopalatais pela glotal vozeada, como na palavra “mesmo” ~ me[ɦ]mo. Essa

realização da fricativa em posição de coda silábica, seguida de uma consoante nasal, favorece a glotalização. Acrescentam, ainda, que “a representação lexical inclui características articulatorias e acústicas detalhadas que se baseiam na experiência do indivíduo com a língua em diversas situações de uso, envolvendo, portanto, produção e percepção” (MELO; GOMES, 2017, p. 211).

Assim, o fenômeno da glotalização, citado nas pesquisas precedentes, também aponta para a manutenção das fricativas no povoado Mocambinho. Por exemplo, a troca do [z] entre vogais e consoantes nos ambientes sintático-fonológicos como nas expressões: “mais ou menos” ~ ma[h]omeno; “mas não” ~ ma[h]não; “mais oportunidade” ~ ma[h] oportunidade; mais brinquedo~ ma[h] brinkedu; mais nem~ ma[h]nê, e outros semelhantes, são comuns na fala desses ribeirinhos. Outro fator linguístico condicionante presente nas variáveis linguísticas dos informantes do Maranhão são: no início de palavra com os fonemas /v/ e /ʒ/ “já fiz” [ˈʒa.ˈfɪz] “vamos [ˈvã.muʃ]” -> [ˈhã.mu]) e meio de palavra, a exemplo de ‘a gente’ “a gente [a.ˈʒẽ.tʃɪ]” -> [a.ˈhẽ.tʃɪ].

Outro fenômeno que se coaduna a nossa pesquisa é o uso dos róticos na fala do português brasileiro. Reinecke (2006), em uma pesquisa no estado de Santa Catarina, apresenta a descrição das variantes róticas no Português brasileiro (doravante PB) em um quadro das variantes mais referidas no PB. A pesquisadora veicula as seguintes variantes: vibrante alveolar [r]; tepe alveolar [r]; retroflexos (tepe [ɾ] e aproximante [ɻ]); aproximante alveolar [ɹ]; fricativa velar (surda[x] e sonora[ɣ]); vibrante uvular [R]; fricativa uvular (surda[χ] e sonora[ʁ]); fricativa faringal /glotal [h]).

Nesta pesquisa, interessa-nos a verificação da variante rótica, fricativa glotal, dos contextos linguísticos de algumas fricativas anteriores, nos pontos de articulação da consoante alveopalatal e da fricativa glotal, na comunidade de fala dos ribeirinhos de Buriti.

### 3 Metodologia

Segundo Freitag (2017), a metodologia da Sociolinguística foca a comunidade de fala a qual “compartilha dos mesmos valores associados aos usos da língua” (FREITAG, 2017, p. 12). Nessa perspectiva, considerando essa ideia de comunidade, selecionamos os informantes e realizamos a coleta das falas na comunidade ribeirinha, sendo, desse modo, indispensável para conhecermos as falas dos informantes, a escolaridade e outras variáveis que possam influenciar em sua forma de comunicar. Ao realizarmos a coleta de dados, tentamos conduzir as entrevistas sociolinguísticas da forma mais natural possível, dependendo das circunstâncias para evitar o paradoxo do observador (LABOV, 2008).



Frente ao exposto, as entrevistas no povoado Mocambinho foram realizadas tendo em vista as variáveis linguísticas, considerando os seguintes contextos e fatores linguísticos condicionantes: a) início de palavra, por exemplo, “já fiz” [ˈʒa.ˈfɨz], “vamos” [ˈvã.muʁ] -> [ˈhã.mu]; b) meio de palavra, a exemplo de “a gente” [a.ˈʒẽ.tʃi] -> [a.ˈhẽ.tʃi] a.ˈʒẽ.tʃi -> [a.ˈhẽ.tʃi]; já fiz” [ˈʒa.ˈfɨz] “vamos” [ˈvã.muʁ] -> [ˈhã.mu]; c) vozeamento nas seguintes consoantes [v], [ʒ] e [z] não vozeada [s]; d) posição segmento na sílaba: coda e ataque silábico, apresentadas em suas respectivas falas e que são consideradas de uso mais frequente.

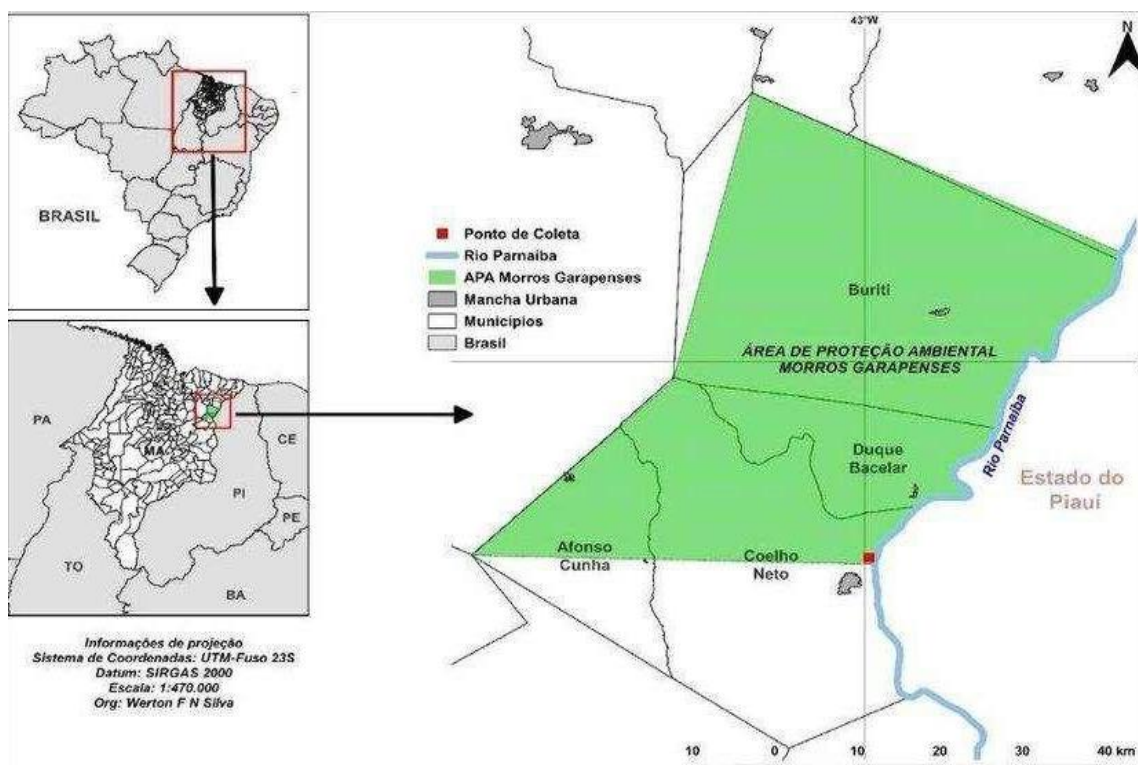
Concernente à escolha dos participantes, partimos dos critérios propostos por Freitag (2017), quais sejam: i) ser falante de português; ii) ter nascido na comunidade e ser filho de pais igualmente nascidos na comunidade; iii) não ter morado fora da comunidade na fase da adolescência (período em que o vernáculo é adquirido) e iv) ser estudante, trabalhador(a) rural, pescador ou filho de pescadores, visto que a pesquisa está direcionada para os ribeirinhos.

Para tanto, adotamos o método indutivo, qualitativo e empírico com vistas à realização de um estudo que nos permita investigar as possibilidades de uso dos *corpora* de fala dos buritienses, especificamente, dos ribeirinhos, do povoado Mocambinho. O fenômeno foi investigado e baseado na observação da ficha social, na coleta de dados, partindo das ocorrências das falas dos informantes, com a posterior observação dos áudios de cada participante, a partir da transcrição das gravações dos áudios, finalizando com a análise e a discussão dos dados coletados.

### 3.1 O corpus

No estado do Maranhão, assim como em outras regiões do país, as diferenças ou semelhanças no falar são notórias, visto que a riqueza cultural e linguística se refletem em todo o estado, perfazendo os 217 municípios. Na Figura 1, a seguir, expomos um mapa da Área de Proteção Ambiental (APA), dado que o município de Buriti, desde 31 de dezembro de 2008, é considerado uma área protegida pelo Estado, ocupando a maior extensão territorial da APA, sendo adjacente aos municípios de Coelho Neto, Duque Bacelar e Afonso Cunha, visivelmente menores e que também fazem parte da área de proteção ambiental. Essa compreensão geográfica é fundamental para entendermos o fluxo de pessoas que constantemente visitam o município.

**Figura 1** - Mapa da área de proteção ambiental /APA de Buriti -Ma



Fonte: Barbosa (s/d).

No decorrer de sua formação, a diversidade campesina trouxe, desde a sua emancipação política, datada no século XIX, várias pessoas para a pequena vila, que desde 1938 passou a ser cidade. Sobre a história do município o IBGE elenca, brevemente, os seguintes fatos:

O Povoado que originou o município de Buriti teve início quando Inácia Vaz ao se fixar à margem do riacho Tubi, em um vale entre morros, fundou engenho de cana para a fabricação de açúcar mascavo, rapadura e aguardente. A abundância de água e a fertilidade das terras adjacentes fizeram com que o engenho prosperasse, atraindo diversas famílias para o local, que se constituiu em povoação, denominada Buriti, em razão do buritizal ali existente. Mais tarde, em homenagem à fundadora, o lugarejo passou a chamar-se Buriti de Inácia Vaz, o que foi confirmado por Decreto de 1933. Entretanto, em Divisões Territoriais posteriores, figurou com a primitiva denominação, que ainda conserva. Em 1888, desmembrou-se do município de Brejo. A elevação à categoria de Cidade ocorreu em 1938. Gentílico: buritiense (IBGE, 2021).

Em contrapartida, os dados do IBGE divergem de alguns historiadores e de outras pessoas que vivem há mais tempo na cidade, pois a etnia de Inácia Vaz ainda é um mistério, pois cada morador apresenta um dado diferente (FARIA *et al.* 2010). Fazendo um contraponto entre o histórico da cidade e os fatos sociais, percebemos a importância de conhecer *lócus* da pesquisa, onde os partícipes residem e de que forma essas histórias podem influenciar o modo de pensar, falar e de viver no pequeno

município, aspecto que pode se configurar como um fator social relevante para esta pesquisa.

O povoado Mocambinho situa-se a aproximadamente 15km da zona urbana e é conhecido pelo cais que ali existia em meados do século XX, que em muito contribuiu para o deslocamento de mercadorias às margens do Rio Parnaíba, segundo relato oral do informante Almeida (2018). Dentre as várias festividades do povoado, destaca-se a “Festa do Peixe” que acontece anualmente e que atrai a atenção de pessoas das cidades circunvizinhas e até de outros estados, como o Piauí. Contudo, os pescadores continuam com seus trabalhos diariamente e gostam de viver naquele povoado.

À continuidade, apresentamos o perfil dos informantes da comunidade de fala, expondo a variável social, composta pela localidade, escolaridade, faixa etária e pelo sexo. Num total de 16 informantes que, em sua estratificação, estão distribuídos da seguinte forma:

**Quadro 01** – Apresenta o perfil dos informantes da comunidade de fala da pesquisa

Sexo	Escolaridade		Faixa etária	
	Fundamental	Médio	15 a 24	25 a 49
Homem	2	2	2	2
Mulher	2	2	2	2

**Fonte:** elaborado pelos autores (2023).

Com base nos dados expostos no Quadro 1, observamos que para a variável escolaridade foram constituídas, neste povoado, os seguintes níveis: Fundamental e Médio. A seleção dos 16 informantes do povoado Mocambinho está estratificada de acordo com as variáveis sociais escolaridade, respectivamente fundamental e Médio, e, conforme citado acima, pelas faixas etárias I - 15 a 24 anos, faixa etária II - de 25 a 45 anos e pelo sexo masculino e feminino.

Com seguintes variáveis linguísticas: quanto à posição da sílaba, no início e no meio da palavra; quanto ao ambiente sintático-fonológico; o vozeamento e o desvozeamento. Observando-se as variantes a partir das fricativas anteriores e posteriores nas formas vozeadas/desvozeadas. Assim, na faixa etária I - de 15 a 24 anos, os adultos jovens foram de extrema relevância em vista das possíveis mudanças linguísticas que podem ocorrer, ou estão ocorrendo, no percurso da realização linguística observada.

## 4 ANÁLISE DOS DADOS

Para análise acústica, utilizamos o programa de análise acústica Praat (BOERSMA; WEENIK, 2018), o qual dá suporte para a segmentação dos sons produzidos pelos falantes e contribui para a análise das características acústicas da fala. Nesse sentido, fizemos uma exploração, de forma que o que se verá nesta seção é análise das informações acústicas para melhor compreensão dos contextos linguísticos em que ocorre o fenômeno da glotalização.

Após realização da entrevista Sociolinguística, efetuamos a transcrição fonética dos áudios e realizamos a tabulação dos dados. Com isso, verificamos que a expressão ‘a gente’ [a. 'ʒẽ.tʃi] foi a que mais emergiu a glotalização em contextos linguísticos, em que a fricativa alveopalatal surge acompanhada de um seguimento nasal, sendo pronunciada como [a. 'hẽ.tʃi], em posição de ataque silábico. Logo, a fricativa glotal se realiza, no mesmo contexto, como vozeada [h] e algumas vezes desvozeadas [h̥], em posição de sílaba tônica da palavra. Conforme observado na análise, essa mudança também ocorreu antes de consoante, no entanto, com a expressão ‘a gente’, percebemos a usabilidade dessa em quase todos os trechos dos áudios.

Na sequência, as expressões serão expostas a partir do nível morfológico e sintático-fonológico, uma vez que a ocorrência dessa expressão, ocorreu com significativa frequência o uso do advérbio ‘mais’ [‘majs], pronunciado [‘mah] de forma monotongada e com a glotalização da fricativa alveolar não vozeada [s]. É interessante observarmos que não ocorreu somente de forma isolada, bem como também em contexto sintático-fonológico, de acordo com a posição silábica.

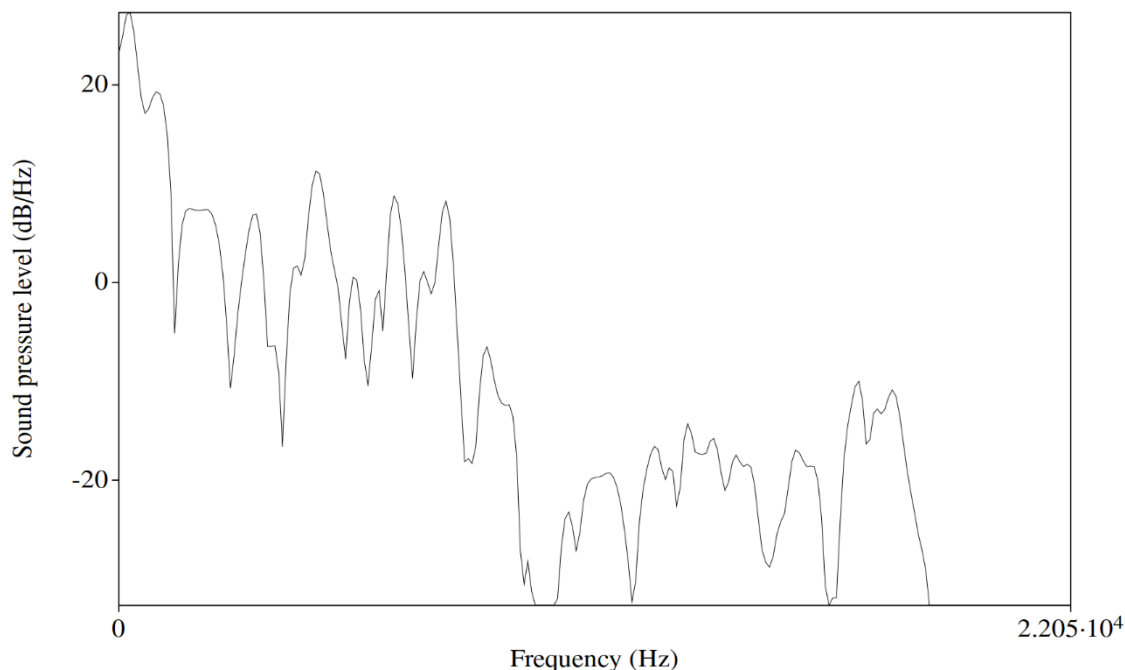
Salientamos, em tempo, que a troca do [z] entre vogais e consoantes nos ambientes sintático-fonológico como nas expressões mais ou menos” ~ ma[h]omeno; “mas não” ~ ma[h]não e “mais oportunidade” ~ ma[h]oportunidade são bem comuns na fala desses ribeirinhos, havendo, desse modo, ocorrências em posição intervocálica e em posição de coda da consoante [s].

A título de exemplificação, citamos um informante, com ensino médio, de 34 anos, do sexo feminino, que ao ser questionada sobre a sua infância e comparando-a com a infância dos dias atuais, respondeu da seguinte forma: “Hoje temos [‘ma.fo.poh.tu.ni.´da.di]”. Observamos que, no contexto intervocálico, a fricativa alveolar não vozeada [s] é pronunciada como fricativa alveolar vozeada [z], como se pronuncia na palavra ‘casa’.

Nesse cenário, averiguamos que houve muita realização da glotalização da consoante [z] nesse contexto. Percebemos que esse fenômeno também ocorreu como outras expressões, tais como “mais ou menos” [ma.fo.‘menʊ] e “mais à vontade” [ma.ɦa.võ’ta.dʒi]. Dessa maneira, conforme exposto na Figura 2, podemos

observar o espectro da consoante fricativa glotal vozeada, dado que a glotalização da [z] consoante é uma característica da fala do povoado Mocambinho.

**Figura 2** - Ilustração do espectro da consoante fricativa glotal vozeada em posição intervocálica na expressão “mais à vontade”

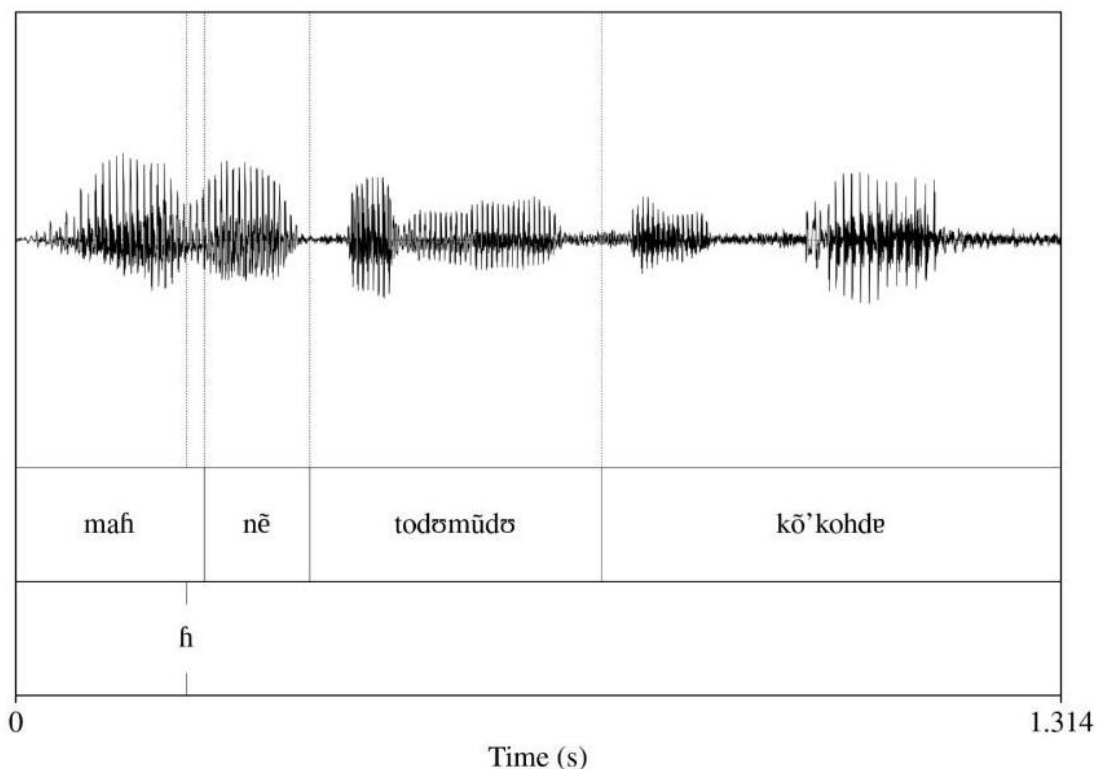


**Fonte:** elaborado pelos autores (2023).

Frente ao gráfico, depreendemos que o espectro da consoante glotal vozeada se mostra por meio da barra de vozeamento, representada pelo primeiro que chegou 23.3 dB e 288.0 Hz. Observamos, ainda, que há maior concentração de energia em baixa frequência, próximo ao 1000 Hz. Nesse sentido, evidencia-se, portanto, que a realização da consoante nessa posição é enfatizada por meio da análise desse espectro.

Ademais do contexto intervocálico, constatamos que houve também a glotalização da palavra “mais” quando a palavra seguinte se inicia com uma consoante, como nas expressões: “mais não” [‘maɦ.ˈnãw], “mais nem” [maɦ.nẽ] e “mais brinquedo” [maɦ.brĩ.ˈke.dʊ]. Para melhor compreensão dessa última ocorrência, a Figura 3, em sequência, faz-se elucidativa, posto que logo após a palavra ‘mais’, é possível observar algo que pode contribuir para aprofundarmos essa investigação.

**Figura 3** - Ilustração da ocorrência da fricativa glotal vozeada antes de uma consoante nasal alveolar vozeada



**Fonte:** elaborado pelos autores (2023).

No contexto representado, atestamos que o vozeamento da fricativa glotal ocorre devido ao vozeamento da consoante seguinte. Esse fenômeno de vozeamento é muito recorrente na Língua Portuguesa, posto que se tem o hábito de vozear a consoante fricativa alveolar desvozeada antes de consoantes vozeadas, como na palavra “mesmo” que se pronuncia ora por [mezmu], geralmente na fala nordestina, e ora por [meʒmu], na fala carioca.

Por conseguinte, temos a palavra ‘gente’ com a pronúncia [ˈhẽ.tʃi]. Nesse substantivo a fricativa alveopalatal [ʒ] foi trocada pela glotal [h]. Em outro trecho da entrevista, ao serem questionados sobre o que falar quando alguém deseja sair para algum lugar, como convidá-los, a resposta foi a seguinte [hum.ˈbɔ.rɐ], ou da seguinte forma “vumbora”, porém a maior ocorrência foi [hum.ˈbɔ.rɐ]. Aqui, nota-se no início da sílaba a troca da fricativa labiodental vozeada [v] pela glotal [h].

Na descrição linguística, assim como na análise das falas dos ribeirinhos principalmente relacionada às fricativas glotal e alveopalatal, há ocorrências no início, no meio e no final da palavra dos fonemas /v/, /z/, /ʒ/ e /s/, essas fricativas ocorrem de formas vozeadas e desvozeadas em contextos linguísticos influenciados por fatores internos/externos da língua, tais como no nível morfológico em substantivos :gente; advérbio: mais; conjunções :mas, em contextos sintáticos-fonológicos, a exemplo de vamos embora, mais não, mais oportunidade e em outras palavras supramencionadas.

Observamos que a expressão “a gente”, em todos os áudios dos informantes, foi a expressão mais recorrente, seja na forma ‘a gente’ [a.ˈʒẽ.tʃi] e outras vezes, de

modo mais espontâneo, no decorrer da entrevista, na forma glotalizada [a.'hẽ.tʃ]. Diante do exposto, nota-se a importância desse estudo para compreensão e continuidade desta pesquisa com os ribeirinhos junto a classe dos sons róticos, nas palavras observadas no *corpus*, em estudo.

## Considerações

Neste trabalho, discorreremos sobre a glotalização na fala dos maranhenses. A partir da análise ao *corpus*, constituído a partir de gravações da entrevista sociolinguística com os 16 participantes, verificamos os fatores linguísticos observados que podem contribuir para glotalização no povoado Mocambinho, bem como os fatores externos como idade, gênero, localidade. Embora seja um *corpus* restrito, nosso estudo traz um olhar inicial para o fenômeno aqui no estado, particularmente, no povoado Mocambinho.

Nesse sentido, a pesquisa apresenta um desafio diário de leituras e observações dos fenômenos. Esse aprofundamento teórico contribui para a Sociolinguística no Brasil, no Nordeste e particularmente no Maranhão, no qual os fenômenos fonéticos estão evidentes na oralidade dos informantes da comunidade tradicional em Buriti-Maranhão.

Em suma, entendemos que a Sociolinguística tem um papel fundamental para compreensão das variáveis linguísticas e sociais no presente trabalho, assim como a Fonética e a Fonologia. No que diz respeito à classe dos sons róticos, há evidências na literatura da notoriedade desses sons no Português brasileiro, embora nem todos sejam realizados linguisticamente no Estado do Maranhão.

Todavia, a princípio, destacamos os sons das fricativas alveopalatais e glotal no contexto explicitado até o momento, neste estudo, ainda incipiente. E que, por enquanto, trata-se de uma análise de dados qualitativa, e, por isso, exige um aprofundamento linguístico nos diversos contextos das palavras nos quais as fricativas anteriores e posteriores estão presentes. Acreditamos que esse trabalho possa contribuir com outros pesquisadores, principalmente com àqueles que estudam os fenômenos linguísticos nas comunidades tradicionais.

## Referências

- ALMEIDA, H. **Origem do povoado mocambinho**. São Luis-Ma, 2018, p.1.
- ARAÚJO, A. A. de; RODRIGUES, A. G. P.; PEREIRA, M. L. de S. Arre Maria! Como tu cunresa: a aspiração de /v/ no falar popular de Fortaleza. **Confluência** - Revista do Instituto de Língua Portuguesa, Rio de Janeiro (RJ), n. 54, p. 196-221, 2018. Disponível em: <http://repositorio.ufc.br/handle/riufc/52061>. Acesso em: 16 jan. 2023.
- BOERSMA, P.; WEENIK, D. **Praat: doing phonetics by computer**. Version 6.0.43. Disponível em: <http://www.praat.org>, 2018. Acesso em: 16 jan. 2023.
- BOTASSINI, J. O. M. A variação no uso dos róticos em Porto Alegre. **Estudos linguísticos**, São Paulo, v. 2, n.40 p. 1060-1072, mai-ago, 2011. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/1361/903>. Acesso em: 10 jan. 2023.
- BRIGHT, W. **Sociolinguistics: proceedings of the UCLA Sociolinguistics Conference**, v. 20, 1964. Mouton&Company, 1966.
- CEZARIO, M. M.; VOTRE, S. Sociolinguística. In.: MARTELOTTA, M. (Org.). **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2017.
- COELHO, I. L. *et al.* **Para Conhecer sociolinguística**. São Paulo: Contexto 2021.
- COSTA. L.T.; COTOVICZ. M. Notícias de uma sobrevivente: a variante rótica vibrante múltipla alveolar em Rebouças, PR. **Sociodialeto**, v. 6, n. 17, Campo Grande, 2015.
- FARACO, C. A.; ZILLES, A. M. **Norma linguística**. São Paulo: Contexto, 2017.
- FARIA, R. H. M. de.; MOURA, M. da G. de F.; RAMOS, E. M. de F. **Oswaldo Freire de Faria: histórias de sua vida e de sua terra**. São Luís: Lithograf, 2010.
- FISHMAN, J. **Reversing Language Shift: Theoretical and empirical foundation of assistance to threatened languages**. Multilingual Matters, 1991.
- FREITAG, R. M. K. **Documentação sociolinguística: coleta de dados e ética em pesquisa** [recurso eletrônico]. São Cristóvão: Editora UFS, 2017.
- GOMES, C. A.; SOUZA, C. N. R. Variáveis fonológicas. In: **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. SÃO Paulo Editora Contexto, 2020.
- GUY, G. R.; ZILLES, A. **Sociolinguística quantitativa – instrumental de análise**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- HORA, D. **Fonética e Fonologia**. UFPB. Paraíba: Iphan, 2009. Disponível em: <http://portal.virtual.ufpb.br/wordpress/wp-content...> Acesso em: 24 out. 2022.



JESUS, C. S. de. **A variação fonética do <S>em tempo real em duas localidades sergipanas.** Dissertação (mestrado). Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, Salvador, 2015. Disponível em: [https://alib.ufba.br/sites/alib.ufba.br/files/dissertacao\\_claudia\\_santos\\_de\\_jesus.pdf](https://alib.ufba.br/sites/alib.ufba.br/files/dissertacao_claudia_santos_de_jesus.pdf). Acesso em: 08 mar. 2023.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos.** Tradução de Marcos Bagno; Maria Marta Pereira Scherre; Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo, Parábola Editorial, 2008.

LOPES, M. A. S de M.; Gomes, C. A. O papel do item lexical e da estrutura social na direcionalidade da mudança sonora. **Letrônica**, v.10 n.1, p. 210–224, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.15448/1984-4301.2017.1.24971>. Acesso em: 03 fev. 2023.

OLIVEIRA, E. V. de M.; SANTOS, M. T. R. dos. Variantes sociolinguísticas e a posteriorização das fricativas vozeadas em Alagoas. **Filologia e Linguística Portuguesa**, v. 22, n. 1, p. 41-53, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2176-9419.v22i1p41-53>. Acesso em :10 mar. 2023.

OLIVEIRA, E. V. de M.; BARBOSA, J. W. A influência da nasalização na posteriorização de fricativas vozeadas no dialeto alagoano. **Signos**, v.42, n 2, p. 178-195. Lajedo, 2021. Disponível em: <http://www.univates.br/revistas/index.php/signos/article/view/2944/1873>. Acesso em: 10 mar 2023.

PAIVA, M. da C. de; DUARTE, M. E. L. Mudança linguística: observação no tempo real. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Org.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação.** 4. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

PAIVA, M. da C. de. Mudança em tempo real. In: MOLLICA, M. C.; FERRAREZI, C. J. de. Junior de (Orgs.). **Sociolinguística, sociolinguísticas: uma introdução.** São Paulo. Contexto: 2016.

RAMOS, C. M. A.; BEZERRA, J. R. M.; ROCHA, M. F. S. Do nosso cotidiano ou do cotidiano da gente? Um estudo da alternância nós/a gente no português do Maranhão. **Revista Signum.** Londrina, v. 12, n. 1, p. 279-292, jul. 2009.

RODRIGUES, A. G. P. **Ramo rê se rai dá certo: o enfraquecimento da fricativa /v/ no falar de Fortaleza.** Dissertação (mestrado). Universidade Estadual do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Fortaleza, 2013. Disponível em: <https://www.uece.br/posla/wpcontent/uploads/sites/53/2019/11/Anagermanapontesrodriques.pdf>. Acesso em:10 mar. 2023.

RODRIGUES, A. G. P. **Variação e atitudes linguísticas na realização de fricativas no falar de Fortaleza-CE.** Tese (doutorado). Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2018. Disponível em: [https://www.uece.br/posla/wp-content/uploads/sites/53/2019/11/TESE\\_ANA-GERMANA-PONTES-RODRIGUES.pdf](https://www.uece.br/posla/wp-content/uploads/sites/53/2019/11/TESE_ANA-GERMANA-PONTES-RODRIGUES.pdf). Acesso em: 15 mai. 2023.

RODRIGUES, Arianne Paula Ribeiro da Costa. **A monotongação nas construções orais da variedade linguística potiguar**: uma análise sociolinguística. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Mossoró / RN, 2020. Disponível em: [https://www.uern.br/controladepaginas/ppcl-discentes-turma-2019/arquivos/5593arianne\\_paula\\_a\\_monotongaa%E2%80%A1a%C6%92o\\_nas\\_construa%E2%80%A1a%E2%80%A2es\\_orais.pdf](https://www.uern.br/controladepaginas/ppcl-discentes-turma-2019/arquivos/5593arianne_paula_a_monotongaa%E2%80%A1a%C6%92o_nas_construa%E2%80%A1a%E2%80%A2es_orais.pdf) Acesso em: 12 jul. 2022.

SANTOS, C. M.; SILVA, F. R. N. **A identidade maranhense**: um estudo da escrita na Web. Disponível em: [http://www.letramagna.com/artigos\\_18/artigo3\\_18.pdf](http://www.letramagna.com/artigos_18/artigo3_18.pdf). Acesso em: 06 nov. 2021.

SEARA, I. C. Fonética e fonologia do português brasileiro: 2º período. LLV/CCE/UFSC Florianópolis, 2011.

SILVA, T. C. Fonética e Fonologia: Perspectivas Complementares. **Revista de Estudos da Linguagem**, v. 3. Vitória da Conquista - BA, 2006.

SILVA, T. C. **Fonética e Fonologia do português**: roteiro de estudos e guia de exercícios. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 2007.

VITÓRIO, E. G. de S. L. A. A realização dos pronomes nós e a gente na função de sujeito e nas funções de complemento e adjunto na cidade de Maceió/AL. *Letrônica*, v. 10, n. 01, p. 122 – 138, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.15448/1984-4301.2017.1.24756>. Acesso em: 17 out. 2022.

VITÓRIO. E. G. de S. L. A. O pronome a gente na fala maceioense: um estudo sociolinguístico, **Revista (Con)textos Linguísticos** (Modelos Baseados no Uso), v. 11 n. 19, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/16931>. Acesso em: 20 out. 2022.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. [1968]. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.



# The glottalization of anterior fricatives in the speech of riverside people in the Mocambinho village in Buriti-MA

## ABSTRACT:

The phonemes /v/, /z/, /ʒ/ and /s/, when used in words and expressions such as: 'a gente', 'mais', 'vamos', 'same', 'mais não', generally, are spoken as glottal children in many northeastern states. In this text, the main objective is to present an analysis of glottalization in fricative consonants in Portuguese in the Mocambinho village, in Buriti-Maranhão. For this, he made a bibliographical study in the area of Sociolinguistics such as: LABOV, 2008 [1972], Weinreich, Labov and Herzog (2006 [1968]), Guy and Zilles (2007) and, in Phonetics and Phonology of Brazilian Portuguese: SILVA (2007), SEARA, NUNES and VOLCÃO (2022). After that, we collected data through sociolinguistic interviews, transcribed them and, finally, we qualitatively analyzed the occurrences of the phenomenon in the speech of riverside people. We observed that the riverside people's speech presents the phenomenon of glottalization of posterior fricatives, as there is an exchange of the alveopalatal [ʒ], and others as we will see later, in the initial and final context of syllables, as well as in the fricatives [s], [z] at the end of the syllable, whereas in the labiodental voiced [v] the occurrence occurs at the beginning of the syllable. Based on these results, we conclude that, in the speech sample of this research, the fricatives /v/, /z/, /ʒ/ and /s/, are phonetically performed in voiced and voiceless ways in some situational contexts, a phenomenon that may vary influenced by linguistic and extralinguistic factors in view of the peculiarities of the speech community observed in this study.

## KEYWORDS:

Riverside;  
Glottalization;  
Community;